

Rio de Janeiro

Diana Araujo Pereira

I

Rio de Janeiro da terceira hora. Pés no chão vermelho de terra prenhada, enchida de dor e de vontade de encontrar o futuro.

Rio de Janeiro de todas as horas, horizonte de casas e águas descosidas; de bronzeadas paisagens, passagens e vento.

Seu começo é a chegada da nau; o derramamento da glória pelo tapete vermelho dos dias.

II

Toda cidade deixa uma cicatriz, escritura de ruas e migalhas de tempos molhadas de chuva ou banhadas de sol.

Mapa humano cujos olhos sorriem outro meio e ambiente; mapa de mãos, de palavras, de vozes. Mapa de linhas que se camuflam na paisagem, entre as folhas e as águas.

Por aí os passeios diários, as compras no mercado, a rotina de peso e tamanho variáveis.

III

Rio de Janeiro de tempo inconcluso, de pés queimados pela correria quente, pela chapa ardente, pela força bruta.

Brutalizados, os territórios do medo sobrevivem em figurações de sombras ambíguas, de contornos eróticos e medos soterrados.

Rio de Janeiro de estrepitosa lágrima ou sorriso, de novas dores do parto.

Te bendiga esse mar de azulado manto. Te bendigam os deuses e os raios e os santos. Te cuidem e conjurem teus mares salgados, teus pés sangrentos, teus filhos de barro.